

PROJETO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DO NORTE DO PARANÁ: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA COM PROFESSORES DA REDE DE ENSINO PÚBLICO

Ana Heloisa Molina¹

Este texto é o resultado de reflexões sobre formação contínua proposta a professores atuantes na rede pública a partir de uma experiência de desenvolvimento de projetos de pesquisa com estes professores e alunos da rede pública realizada pelo Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná, vinculado a professores do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Rede de Estudo sobre Ensino Aprendizagem em História e os Núcleos Regionais de Ensino de Londrina e Cornélio Procópio.

Na década de 1990, convivemos com um sistema de formação inicial de professores bastante diversificado, que acomodou diferentes dimensões e interesses, mas, que, como um todo, alimenta a lógica do sistema, isto é, em geral as instituições formadoras não buscavam ou não conseguiam romper com a dicotomia teoria/prática, com a desarticulação entre a preparação para a história e a preparação pedagógica e com a separação ensino/pesquisa, existentes no interior dos próprios cursos de licenciatura e entre licenciaturas e bacharelados.

O texto das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos Superiores de História, elaborado e discutido pela Comissão de Especialistas de História nomeada pelo MEC, juntamente com a Anpuh entre junho a novembro de 1998 e aprovado e publicado em 2001, delinea as linhas norteadoras para as licenciaturas, em oito itens, versando sobre: o perfil do profissional, as competências e habilidades, os conteúdos, a estruturação dos cursos, a duração mínima, os estágios e as atividades complementares, a formação continuada e a conexão com a avaliação institucional. Entretanto, insiste em um preparo para pesquisa, não citando em nenhum momento a palavra “professor”. Talvez indique a necessidade para formação do professor/pesquisador, mas, não deixa explícito esta consideração.

¹ Doutora em História (UFPR). Professora do Departamento de História. Universidade Estadual de Londrina.

Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

A insistência na necessidade da problematização do concreto do ensino em todos níveis é devido à idéia de que o verdadeiro ensino pressupõe pesquisa, descoberta e paixão; que o profissional de História seja capaz de despertar para uma História na qual possa se reconhecer e identificar, capaz de transmitir uma História dinâmica e aberta, construída coletivamente, e isto só será possível se repensarmos, também, as programações e métodos vigentes em todos os níveis e avançarmos na questão que educação e ensino perfaz uma trajetória significativa a partir de uma prática social efetiva.

Como o professor de História circula nos espaços de conhecimentos e ações do ensino universitário e na esfera do ensino fundamental e médio? De que maneira ele age na situação de sala de aula? Quais as resistências e concordâncias neste confronto entre saberes, poderes, conteúdos e métodos? Loriga, aponta, de forma pertinente, a dificuldade que a História tem em restituir a pluralidade do passado.²

Desta forma, temos que considerar a complexidade de ensinar na perspectiva educativa, em especial, no tocante ao conhecimento histórico acumulado até então frente às novas exigências da escola, da sociedade e do novo ambiente educacional.

O mundo da escola é o mundo do saber: saber ciência, saber cultura, saber experiência, saber modos de agir, saber elementos cognitivos, saber sentir. Mas, é o mundo do conhecimento. (FONSECA, 2003) A sala de aula, mesmo considerando as práticas, as relações humanas, as diferenças, o cotidiano, é lugar em que alunos organizam-se para se apropriarem de conhecimentos e modos de agir.

Assim, a finalidade do trabalho docente, conforme Basso, consiste em garantir aos alunos acesso ao que não é reiterativo na vida social. O professor teria uma ação mediadora entre a formação do aluno na vida cotidiana onde ele se apropria, de forma espontânea, da linguagem, dos objetos, dos usos e dos costumes, e a formação do aluno nas esferas não cotidianas da vida social, dando possibilidade de acesso a objetivações como ciência, arte, moral entre outros.³

² LORIGA, Sabina. Ser historiador hoje. História. Debates e Tendências. Pelotas, EdUPF, 2003. p. 23.

³ BASSO, Itacy. Significado e sentido do trabalho docente. Caderno Cedes, ano XIX, n. 44, abril de 1998.

Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

Por outro lado, o que leva o professor a realizar seu trabalho? Este motivo não é totalmente subjetivo (interesse ou vocação) mas, está relacionado a sua ação, captada por sua consciência e ligada às condições materiais ou objetivas em que sua atividade se efetiva. Essas condições referem-se, entre outros, aos recursos físicos das escolas e sua organização, aos materiais didáticos, as possibilidades de trocas de experiência, estudo coletivo, à duração da jornada de trabalho, ao tipo de contrato de trabalho.

A formação e atuação de profissionais da educação ocupam uma posição estratégica e pensar a formação docente implica pensar simultaneamente nos vários aspectos que constituem esse processo: formação inicial (cursos de licenciatura), formação continuada (cursos, treinamentos em serviço, assessorias), condições de trabalho (materiais, carga horária, salário)⁴. Conforme Giovani, trata-se de reconhecer que a formação de professores e especialistas de ensino não se constrói por acumulação de informações, cursos, técnicas, mas, pelo aprendizado e exercício, individual e coletivo, da reflexão crítica sobre as práticas e os contextos de trabalho, oportunizando reconstrução da identidade profissional e pessoal.⁵

A formação inicial vivenciada pela maioria dos professores e especialistas nem sempre garante as condições necessárias para a continuidade de seu desenvolvimento profissional, individual e coletivo. Especificamente no caso dos professores de história procura-se superar estas contradições, como nos alerta Schimidt, no que se refere ao fazer histórico e o fazer pedagógico, o desafio enfrentado pelos educadores na sala de aula e lembrar a necessidade durante a formação do professor de história de promover a transposição didática dos conteúdos e do procedimento histórico e também da relação entre as inovações tecnológicas e o ensino de história.⁶

Mas, como se apresenta a perspectiva de formação contínua?

Para Rodrigues e Esteves (1993), formação contínua será “ aquela que tem lugar ao longo da carreira profissional após a aquisição da certificação profissional

⁴ FONSECA, Selva G. Didática e prática de ensino de história. Campinas: Papirus, 2003, p.63.

⁵ GIOVANI, Luciana. Do professor informante ao professor parceiro: reflexões sobre o papel da universidade para o desenvolvimento profissional de professores e as mudanças na escola. . Caderno Cedes, ano XIX, n. 44, abril de 1998.

⁶ SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiando da sala de aula: entre o embate, o dilaceramento e o fazer histórico. Anais. II Encontro Perspectivas do Ensino de História, USP, 1996.p.119

Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

inicial (a qual só tem lugar após a conclusão da formação em serviço) privilegiando a idéia de que a sua inserção na carreira docente é qualitativamente diferenciada em relação à formação inicial, independentemente do momento e do tempo de serviço docente que o professor já possui quando faz a sua profissionalização, a qual consideramos ainda como uma etapa de formação inicial.”⁷

São, no entanto, identificadas como modalidades de formação contínua oficinas, seminários e cursos de atualização. Os projetos e os grupos de estudos, que pressupõem a mobilização e a iniciativa dos professores a partir dos seus contextos de trabalho seriam as mais eficazes, pois, ao privilegiar a iniciativa e o saber experiencial, agregado ao contexto em que se desenvolve a prática dos professores, estas modalidades seriam potenciadoras da articulação entre conhecimento experiencial com o conhecimento formal, articulando ação, investigação e formação.

Os projetos de formação contínua que apontam para a idéia de aliar desenvolvimento pedagógico, cognitivo, teórico, profissional ultrapassam a noção de treino, pois, a reflexão compartilhada que dá voz à identidade local abre campo para a diferenciação curricular e a construção de conhecimentos e temáticas próximas às realidades locais.

As experiências referentes à capacitação de professores, em sua grande maioria, propõem a apresentação de cursos explorando temas e linguagens culturais nos quais os professores apenas assistem, vislumbrando uma possível aplicação em sala de aula.

Como situar o projeto Contação de Histórias na perspectiva de um processo de formação contínua ? Como este pode contribuir para que se repense o fazer do professor?

Diferentemente de outras experiências como oficinas e seminários aplicados isoladamente, o Projeto de Extensão Contação de Histórias do Norte do Paraná, é desenvolvido por um grupo de pesquisadoras do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, em parceria com os Núcleos Regionais de Ensino de Cornélio Procópio e Londrina e o grupo de pesquisa Rede de Estudo sobre Ensino

⁷ SILVA, Ana Maria Costa e. A formação contínua de professores: uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação. Caderno Cedes. Ano XXI. N. 72. Agosto 2000. p.96. Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

Aprendizagem em História. Tem como objetivo a formação contínua por meio de desenvolver projetos de pesquisa em conjunto com professores de história, professores de outras áreas, envolvendo seus alunos na sala de aula do ensino básico.

Outro diferencial desta proposta consiste na orientação contínua em grupos temáticos destes projetos por professores integrantes do grupo de pesquisa em um constante repensar dos projetos e objetivos a serem alcançados. Cabe lembrar os números envolvidos: 175 professores da rede pública de diversas áreas do conhecimento como Geografia, História, Português, Educação Física, Matemática, Educação Artística, Química e Física, 10 professores das equipes de ensino dos Núcleos Regionais de Cornélio Procópio e Londrina, 04 professores de faculdades particulares da região de Cornélio Procópio, 18 professores integrantes da Rede de Estudo, 32 projetos de pesquisa e especialmente 600 alunos da rede pública de ensino.

Durante o ano de 2005 foram oferecidas oficinas, com discussão teórico-metodológica e aplicação prática, para instrumentalizar o uso de fontes para a coleta de dados, como música, fotografias, jornais, pois, seriam alavancas para o estudo de processos históricos imersos no tempo presente. Com pressupostos teóricos pautados na História Oral, discussões sobre a memória, sobre o método recepcional e história regional, os projetos de pesquisa abordam temáticas referentes a aspectos da história do Norte do Paraná ainda não registrados ou sob um novo olhar.

No Núcleo Regional de Ensino de Cornélio Procópio são desenvolvidos 15 projetos⁸ atingindo as cidades de seu entorno com problemáticas que afetam diretamente o cotidiano de seus moradores. São eles personagens, fatos, relatos e causos que marcaram profundamente a memória daquela região.

⁸ A colonização japonesa em Assai (1932-1970); A contestação de terras entre índios da Reserva Laranjinha e os agricultores do Bairro Riberão Grande. 2000-2005; A escola Professor Antonio Bitonti e sua história no município de Sertaneja. 1967-2005; A formação da população de Nova Fátima-PR (1920-1960); A história da educação da Escola Estadual João Turim do município de São Sebastião da Amoreira-PR. 1946-2005; Relatos sobre a força do trabalho da mulher migrante no município de São Sebastião da Amoreira-PR, na década de 50; Itambaracé, uma cidade às margens do Paranapanema. 1980-2005; Bandeirantes em três olhares; Contação de Histórias do Norte do Paraná: história, análise e pertinência no processo educativo; Espaço geográfico, memória histórica e narrativas orais: a identidade cultural da comunidade rural do Bairro de Pedregulho sob um olhar plural; Histórias de Assombração – Quem tem medo de quê? O imaginário do medo através de alunos da sexta a oitavas séries do Colégio Estadual “Dulce de Souza Carvalho” de Congonhas-PR; Poetas procopenses: Floriza Síndice e Adolfo Boiça: História e Arte em 25 anos de produção; Relatos de moradores da extinta ilha Santa Helena: impacto ambiental às margens do Paranapanema entre os anos de 1971-2005; Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de Assai-PR, na década de 50 e Uraí: capital do rami: do auge à decadência (1960-1980): o olhar dos trabalhadores. Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

No Núcleo Regional de Ensino de Londrina temos 17 projetos⁹ em andamento que também abarcam elementos sociais e culturais da História Regional distribuídos em temáticas que envolvem personagens, elementos da vida econômica e urbana, festas religiosas e movimentos migratórios diversos na região norte do Paraná.

A escolha de temas próximos à realidade de suas cidades ou mesmo tomando as escolas e suas trajetórias históricas como objetos de investigação indica olhares e indagações não presentes na literatura ou na história oficial contribuindo para a organização de fontes documentais ainda carentes de uma sistematização e análise na região Norte do Paraná.

Um dos resultados mais positivos foi a criação de um Manual para a Educação Básica orientando a coleta e tratamento de relatos orais onde questões como ética (condutas a serem consideradas na pesquisa com história oral), etapas de uma entrevista, roteiro geral de entrevista, modelos de carta de cessão de direitos, processamento e cuidados na transcrição de entrevistas foram apresentados e debatidos. Os professores experienciaram com grupos de alunos da rede pública participantes dos projetos coletivos e retornaram aos grupos de discussão com os Núcleos Regionais e a Rede de Estudo os aspectos positivos, as mudanças e adaptações realizadas e principalmente o envolvimento de todos os participantes nos projetos. A sensação de contribuição e verificação dos resultados, na prática, estreitaram os laços e reforçaram os objetivos.

Outro aspecto apresentado pelos professores-alunos-pesquisadores foi a valorização de personagens do cotidiano de suas cidades em um processo de interação ainda não vivenciado, especialmente pelos alunos, colocando em movimento, forças culturais, sociais e mesmo econômicas de cidades e regiões isoladas da atenção de

⁹ História da mulher londrinense 1950-1970; Imigração japonesa em Londrina na década de 40 e 50; Memórias de jovens; União conquistando a Vitória: através de janelas e portas de emergência; A história do Colégio Estadual Marcelino Champagnat; Migrações internas: memórias da colonização de Florestópolis; História e Literatura: a influência da literatura no comportamento feminino na década de 60 e 70 em Londrina; Represa Capivari, presente e passado no município de Primeiro de Maio; História Social do município de Alvorada do Sul; O tempo fazendo sua história; A importância da rede ferroviária na configuração do espaço urbano de Londrina. 1930-1960; Parteiras: a mulher enquanto ser social na década de 1940 a 1970 em três cidades do Norte do Paraná: Rolândia, Jaguapitã e Guaraci; O café gerando “modernidade” em Bela Vista do Paraíso nas décadas de 1950 a 1970; Contos de causos: resgate histórico através de memórias; A saga dos excluídos: estudo sobre a presença nordestina na formação da sociedade londrinense (1940-1970); Êxodo rural: percepção de famílias de alunos; O desaparecimento do rito de Folia de Reis na região dos Cinco Conjuntos. A nova característica cultural da região e a morte do “velho”.

grandes centros. O contato com o outro pela via da História Oral proporciona a re-elaboração dos diversos discursos sobre as histórias contadas e as possibilidades de construção de memórias ou seus fragmentos, omitidas ou cristalizadas.

Elementos como auto-estima e reconhecimento pessoal e profissional, fundamentais no desenvolvimento humano, estão presentes nos diálogos dos grupos, entre si, com os apoiadores, com os alunos e com a comunidade o que abre a perspectiva de aliar procedimentos científicos com o calor humano em uma dimensão extremamente rica de resultados.

No primeiro semestre de 2005, e adentrando o segundo, foram oferecidas oficinas de discussão teórica-metodológica e reuniões de orientações dos apoiadores com os grupos de professores envolvidos, sistematizando elementos para o refino e a elaboração de projetos coletivos. Vale registrar que este trabalho intenso é resultado de um contato anterior do grupo de pesquisa com os Núcleos Regionais de Ensino mencionados e professores da rede pública durante o ano de 2004, quando do convite para explorar o conjunto de mapas históricos confeccionados pela Secretaria de Educação do Estado durante as comemorações do Sesquicentenário de Emancipação do Paraná e suas possíveis aplicações em sala de aula.

Em outubro de 2005 foi realizado um seminário com mostras das pesquisas em andamento, com a participação de professores da rede, de seus alunos, da comunidade local e de pesquisadores de diversas instituições e áreas. Os objetivos do seminário eram que os professores apresentassem seus projetos de pesquisa e a etapa em que se encontravam, onde em mesas formadas por pesquisadores de várias instituições os debatessem em outras possibilidades de leituras e encaminhamentos.

Neste seminário também foram expostos no saguão do Centro Cultural de Cornélio Procópio banners com os principais focos das pesquisas elaborados pelos grupos de professores para os visitantes e participantes do evento, que contou também, com a presença de integrantes da equipe pedagógica da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, como uma forma de apresentar à comunidade, os resultados parciais das ações-inserções realizadas.

Além da grande participação da comunidade, inclusive de setores sociais diretamente envolvidos, como o caso dos índios da Reserva de Laranjinha, na região de

Cornélio Procópio e dos poetas procopenses, cujas produções literárias são objetos de investigação, houve a presença nos debates e apresentações dos alunos envolvidos. Em algumas ocasiões os alunos deram depoimentos de como participaram dos projetos e sua repercussão na construção dos conhecimentos que ajudaram a descobrir.

Na sequência dos trabalhos estão previstos a continuidade da coleta e análise do material coletado, apresentação dos resultados das pesquisas à comunidade geradora destes conhecimentos e a preservação destas fontes em local adequado para o acesso público.

Neste sentido, podemos perceber que o projeto Contação de Histórias coloca alguns pontos de avanço na complexa relação de formação contínua: o exercício da pesquisa na educação básica é possível desde que ocorram condições adequadas de recursos, tempo, envolvimento e apoio, onde projetos conjuntos possam ser construídos em um diálogo com a comunidade e a universidade, reconhecendo e respeitando os mecanismos diferentes que regem cada espaço, em uma via que não seja de mão única.

Outro ponto de reflexão acerca do processo formativo de professores é a percepção enquanto pesquisador e produtor de conhecimentos significativos aos elementos envolvidos, promovendo, conforme Schon, a desestruturação-reestruturação e construção de saberes que reabilitem uma epistemologia da prática.¹⁰

Paralelamente, temos a construção de um campo propício a repensar a história e a construção de saberes, seu ensino e as práticas organizadas nas salas de aulas do ensino superior e educação básica, onde por outros olhares, atentamos aos discursos entabulados, as omissões e aos limites definidos e colocados como intransponíveis, estes, muitas vezes de forma inconsciente.

Neste aspecto, recuperamos o que os debates acerca da formação de professores e o sentido do processo educativo nas três últimas décadas do século XX propõem ao professor: que este, como ator dentro de um meio social e autor do ato de ensinar, por ele proposto e encaminhado, está comprometido não só com seus próprios valores, como também com as pessoas a ele remetidas.

¹⁰ Schon. Op.cit.p.22.

Se é necessário retomar a finalidade, ou seja, que pessoa queremos formar, se os critérios estão vagos para se pensar a educação e seus agentes, é preciso a rebeldia criadora inerente ao ato educativo e assim reaprender a falar, a recuperar o discurso, a mediar os projetos e instrumentalizar a palavra como ponta de lança à preconceitos, cacótes e vícios de uma visão conservadora e reacionária, utilizada e burocratizada na educação.

Vale afirmar, como aponta Arroyo que: " Nessa perspectiva, a luta pela educação, pela cultura, pelo saber e pela instrução encontra sentido, se inserida nesse movimento de constituição da identidade política do povo comum. Essa luta é um momento educativo enquanto representa uma movimentação, organização, confronto, reivindicação e, conseqüentemente, expressão e prática de consciência do legítimo e do devido. "¹¹

Ao fim, concluímos o que há muito os professores clamavam: é possível desenvolver pesquisa a partir da sala de aula, em uma partilha de saberes, com uma estrutura colaborativa e com o reconhecimento de seu próprio universo de trabalho, agregando o saber da experiência ao desafio do novo em parâmetros que não escapam ao rigor científico, na ousadia de afirmar a pluridimensionalidade da história e a construção de projetos coletivos com outras áreas.ⁱ

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. Educação e exclusão da cidadania. In. BUFFA, Ester (org.). **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 1987.

BASSO, Itacy. Significado e sentido do trabalho docente. **Caderno Cedes**, ano XIX, n. 44, abril de 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação. Currículos Mínimos dos Cursos de Graduação. 4ª edição. Brasília, 1981.

FONSECA, Selva G. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas: Papyrus, 2003

GIOVANI, Luciana. Do professor informante ao professor parceiro: reflexões sobre o papel da universidade para o desenvolvimento profissional de professores e as mudanças na escola. . **Caderno Cedes**, ano XIX, n. 44, abril de 1998.

¹¹ ARROYO, Miguel G. Educação e exclusão da cidadania. In. BUFFA, Ester (org.). Educação e cidadania: quem educa o cidadão? São Paulo: Cortez, 1987, p. 77
Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

LORIGA, Sabina. Ser historiador hoje. **História. Debates e Tendências**. Pelotas, EdUPF, 2003.

MOLINA, Ana Heloisa. **A formação de professores de História**. Dissertação. PPG Educação. Unesp. Marília, 1995.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiando da sala de aula: entre o embate, o dilaceramento e o fazer histórico. **Anais**. II Encontro Perspectivas do Ensino de História, USP, 1996.

SCHON, Donald A **The reflective practitioner**. New York, Basic Books, 1982.

SILVA, Ana Maria Costa e. A formação contínua de professores: uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação. **Caderno Cedes**. Ano XXI. N. 72. Agosto 2000.

ⁱ Agradeço pela leitura deste texto as professoras Maria de Fátima da Cunha e Regina Célia Alegro, integrantes do departamento de História-UEL, do grupo de pesquisa Rede de Estudo sobre ensino e aprendizagem em história e do projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná.